

“Muita intelectualidade e pouco futebol”: discursos sobre um jogador que lê

“Much intelligentsia and litte football”: discourses about a player who reads

Francisco Vieira da Silva*

RESUMO: O presente artigo toma como ponto de partida a publicação de um fato, corporificado em várias notícias, em diferentes *sites* da web, no mês de março de 2015. Tal fato refere-se à criação de um *blog* de leitura, por parte do zagueiro do Flamengo, Wallace. Levando em conta as discussões suscitadas por Roger Chartier a respeito da leitura como prática cultural, em confluência com as noções de discurso e enunciado, na proposição do método arqueológico, postulado por Michel Foucault, objetivamos, neste artigo, analisar algumas notícias e comentários de leitores das respectivas notícias em torno da criação do *blog* de Wallace, com vistas a descrever e interpretar determinadas representações que constroem a imagem do jogador-leitor, atentando para os efeitos de sentido e as redes de memória presentes na constituição desses discursos. Metodologicamente, este estudo apresenta um viés descritivo-interpretativo, cuja abordagem segue uma direção eminentemente qualitativa. O *corpus* é composto por duas notícias e quatro comentários acerca do *blog* de Wallace, veiculados em *sites e blogs* brasileiros. As análises demonstram a existência de uma variação nos modos de enunciar acerca de Wallace. Acreditamos que essa variação está articulada aos reflexos que a existência de um jogador-leitor incide na produção de discursos naturalizados sobre a leitura, na exterioridade dos enunciados acerca dessa prática.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Discurso. Jogador-leitor.

ABSTRACT: The present article takes as a starting point the publication of a fact, embodied in many news, on different websites, in the month of march 2015. This fact refers to the creation of a blog of reading by Wallace, a *Flamengo* defender. Considering the discussions raised by Roger Chartier about reading as a cultural practice, in confluence with the notions of discourse and enunciation, in the proposition of the archeological method, postulated by Michel Foucault, we aim, in this article, to analyze some news and commentaries of readers of the respective news about the creation of Wallace’s blog, in order to describe and interpret certain representations that construct the image of the player-reader, looking at the sense effects and the memory networks which are present in the constitution of these discourses. Methodologically, this is a descriptive-interpretative study, whose approach follows an eminent qualitative direction. The *corpus* is composed by two news and four commentaries about Wallace’s blog, published on Brazilian websites and blogs. The analyses show the existence of a variation on the modes of enunciation about Wallace. We believe that this variation is articulated to the reflexes that the existence of a player-reader incises on the production of naturalized discourses about reading, in the exteriority of enunciations about this practice.

KEYWORDS: Reading. Discourse. Player-reader.

* Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor do Curso de Licenciatura em Letras e do Bacharelado em Ciência & Tecnologia, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), *Campus* Caraúbas.

Porque (sic) todo jogador de futebol é burro? (Pergunta anônima inscrita na página do Yahoo Respostas)

Por que um jogador de futebol não pode ler, dar palpite na política ou ter ideias próprias? (Juca Kfourri)

1. Introdução

Um fato, veiculado numa diversidade de notícias, em diversos portais e *sites* da *web*, no mês de março de 2015, chamou-nos a atenção, principalmente por toda uma rede de discursos que dessas notícias emerge. Trata-se de um fato que, num primeiro momento, por mais habitual que possa parecer, acaba por evidenciar a construção de determinadas representações acerca da leitura e do sujeito leitor. Em linhas gerais, essas notícias informavam que o jogador Wallace, zagueiro do Flamengo, estaria prestes a lançar um *blog* no qual iriam constar várias resenhas de livros, os quais foram lidos pelo jogador. O caráter insólito do fato encontra respaldo numa série de discursos e de representações estigmatizadas, segundo os quais os jogadores de futebol, de uma maneira em geral, ao advirem de estratos economicamente desfavorecidos, seriam pouco escolarizados, de modo que não teriam acesso a toda uma cultura erudita, advinda de uma certa representação da leitura como uma forma de ascender a um *status* de prestígio. A possibilidade de existir um jogador-leitor, duas identidades aparentemente inconciliáveis, constitui a centelha que torna noticiável o fato de Wallace lançar um *blog* sobre leitura, fazendo irromper, a partir disso, uma gama de dizeres.

Pensando a leitura no viés da história cultural, sob a ótica dos estudos de Roger Chartier, aliando-se às concepções de Michel Foucault acerca do discurso e do enunciado, o presente texto visa, mediante um tratamento discursivo direcionado sobre certas materialidades, como notícias e comentários veiculados na *web*, descrever e interpretar determinadas representações que constroem a imagem do jogador-leitor, levando em conta os efeitos de sentido e as redes de memória presentes na constituição desses discursos.

Isso supõe rastreamos, num viés genealógico, as condições de possibilidade que fizeram e fazem emergir determinados discursos sobre a leitura e certas imagens sobre o sujeito leitor. Noutras palavras, convém atentar para as diversas formas de ler que sustentam imaginários sobre a leitura. A assentada associação entre leitura e enobrecimento, entre leitura e erudição, por exemplo, constitui um índice bastante peculiar no interior de um arquivo de dizeres em torno do ato de ler. Historicamente, tal imaginário articula-se a hábitos e práticas da

burguesia, cuja máxima apregoava a exposição do livro como sinônimo de sucesso e *status*. De acordo com Abreu (2001a), passaram-se os séculos, alterou-se o meio, mudou a tecnologia, mas o imaginário sobre o ato de ler perdurou. A celeuma produzida a partir da divulgação do *blog* do jogador Wallace parece sustentar essa assertiva.

Nessa perspectiva, organizamos este texto do seguinte modo: no primeiro momento, faremos uma explanação em torno de alguns conceitos da obra de Michel Foucault, principalmente as noções de discurso e enunciado; em seguida, discutiremos a questão da leitura no interior da abordagem propugnada por Roger Chartier; posteriormente, a partir da mobilização dos conceitos discutidos nos tópicos anteriores, propomos um exercício analítico acerca das notícias e comentários sobre o *blog* de leitura do jogador Wallace. Para finalizar, na seção final, tratamos de retomar os aspectos discutidos ao longo do texto, com vistas a propor um efeito de fim para os dizeres aqui inscritos.

2. Discurso e enunciado em Foucault: breves comentários

Os conceitos de discurso e enunciado aparecem de modo sistematizado na obra *A Arqueologia do Saber*, publicada em 1969, por Michel Foucault. Nesse obra, de caráter teórico-metodológico, o autor trata de várias noções que vão compor o chamado método arqueológico de análise. Conforme Courtine (2009), a leitura dessa obra nos permite compreender que Foucault trabalha as relações que são estabelecidas na materialidade do discurso. Para tanto, o autor vai tecer uma rede de conceitos que se entrecruzam no objetivo principal de identificar a formação dos saberes, mais especialmente a constituição histórica desses saberes, via discurso. Dessa forma, o conceito de discurso encontra-se imbricado à ideia de formação discursiva. Esta última refere-se às regularidades presentes num regime de dispersão enunciativa. Noutros termos, o discurso, conforme compreende Foucault (2010), diz respeito a um conjunto de enunciados que derivam de uma mesma formação discursiva.

O enunciado é concebido como o átomo, o grão do discurso, a função de existência dos signos. A descrição dessa função fará emergir o enunciado como um conteúdo concreto, no tempo e no espaço. Nesse sentido, Foucault (2010) postula os princípios da análise enunciativa, que difere frontalmente das análises empreendidas no campo da Linguística, uma vez que não interessa pensar as regras que fazem surgir outros enunciados, como também se afasta da noção de continuidade, evolução e/ou tradição na formação dos saberes, conforme defendidas pela análise da história do pensamento. A análise enunciativa vai se preocupar com as condições de

emergência que possibilitam a aparição de um determinado enunciado e não de outro em seu lugar. Nos termos de Foucault (2010, p.32): “[...] deve mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio de outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar”. No caso do objeto de análise deste artigo, importa-nos pensar nas condições que permitem a emergência de notícias acerca de um jogador de futebol que lê, concebidas como um acontecimento singular numa rede enunciativa.

Ao descrever de modo mais específico o conceito de enunciado, Foucault (2010) salienta que esse conceito distingue-se da frase, da proposição e do ato de fala, em função das seguintes características: i) está na dimensão do discurso; ii) não encontra-se submetido a uma estrutura canônica típica da frase; iii) não explicita as intenções de um sujeito falante, consoante entende a teoria dos atos de fala. Ademais, o enunciado constitui uma função que comporta: i) um princípio de diferenciação – que vai circunscrever o objeto do qual se fala; ii) uma posição de sujeito – para enunciar é necessário ocupar uma posição que não se confunde com o sujeito gramatical, o autor da formulação, pois constitui uma posição a ser assumida diante de um discurso (cf. FISCHER, 2013); iii) campo associado – o enunciado encontra-se numa rede de formulações, que o precedem e o antecedem, de modo a pressupor a existência de uma memória; iv) materialidade repetível – o enunciado precisa de uma estrutura material que compreende uma substância, um lugar, uma data.

Para caracterizar essa função enunciativa, Foucault (2010) salienta alguns princípios, quais sejam: i) princípio de raridade (rarefação) – nem tudo pode ser efetivamente dito e reverberado de modo indefinido, conforme nos lembra Foucault (2009), ao analisar a relação do discurso com o desejo e o poder. Assim, análise enunciativa visa, sobretudo, a estudar a posição singular do enunciado no interior de uma dispersão; ii) exterioridade – o enunciado inscreve-se no conjunto das coisas ditas, das relações, de modo que é preciso conceber o enunciado na sua irrupção de acontecimento (FOUCAULT, 2010); acúmulo – diz respeito aos modos por meio dos quais o enunciado pode ser preservado, esquecido, retomado; positividade – refere-se à singularidade do enunciado, no decorrer do tempo.

Ainda sobre o método arqueológico, Foucault (2010) fala-nos das unidades do discurso, as quais vão caracterizar uma dada formação discursiva e, por conseguinte, os discursos e enunciados dela emergentes. Dessa maneira, o autor chama a atenção para a existência de quatro conjuntos que vão formar essas unidades, são eles: os objetos, os conceitos, as modalidades enunciativas e as estratégias. Por conta das especificidades do nosso objeto de

análise, vamos mobilizar as particularidades da formação dos objetos e das modalidades enunciativas, mesmo reconhecendo a relação interdependente entre tais categorias. No entanto, uma análise que vise utilizá-las, na sua integridade, demanda um espaço que parece bem mais vasto, se cotejarmos com a extensão padrão do gênero artigo científico.

Assim, na formação dos objetos, Foucault (2010) destaca três níveis de análise, a seguir expressos: i) superfícies de emergência – designam onde os objetos podem surgir, para serem descritos e/ou nomeados; ii) instâncias de delimitação – referem-se às instituições que nomeiam, designam e instauram um dado objeto de discurso; iii) grades de especificação – diz respeito aos sistemas a partir do qual podemos correlacionar, comparar objetos de discurso. Já na formação das modalidades enunciativas, Foucault (2010) vai se interessar pelo estatuto do sujeito que enuncia, o lugar institucional a que o sujeito está vinculado, bem como as posições assumidas pelo sujeito no discurso. O autor vai perguntar: “[...] Qual o status dos indivíduos que têm – e apenas eles – o direito de regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito de proferir semelhante discurso?” (FOUCAULT, 2010, p. 56). Além disso, Foucault (2010) fala-nos dos lugares institucionais a que o sujeito recorre para enunciar e as variações e/ou descontinuidades das posições no discurso, especialmente no que o autor denomina de planos da fala, os quais, segundo Foucault (2010), assinalam a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo.

3. A leitura na História Cultural de Roger Chartier: alguns desdobramentos

Em várias obras, o historiador francês Roger Chartier teceu profícuas reflexões a respeito da história do livro, da leitura, do leitor, do autor e das modificações incutidas sobre os suportes e práticas de leitura, desde o século XIV até o advento das tecnologias digitais contemporâneas. O autor lembra-nos que a História Cultural por ele praticada inscreve-se no cerne de um certo tipo de fazer historiográfico bem mais amplo, a chamada História das Mentalidades. Segundo Chartier (1990; 1991), a História das Mentalidades dialoga de modo eficaz com outras disciplinas, visando dar conta das particularidades do objeto de estudo escolhido para análise. Disso decorre a emergência de novos objetos de estudo, até então inexplorados pela História Tradicional, voltada essencialmente para a narração de acontecimentos políticos (cf. BURKE, 2010). Nesse sentido, irrompe a preocupação em estudar “as atitudes da vida perante a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de

parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar” (CHARTIER, 1990, p.14).

Esse redimensionamento do objeto de análise dos estudos históricos acaba por alicerçar as investigações desenvolvidas por Chartier a respeito da leitura. De antemão, o autor assevera que a leitura é “[...] sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, em hábitos” (CHARTIER, 1998a, p.13). Noutros termos, a leitura é uma prática cultural que envolve saberes, poderes, sendo construída por meio de uma série de discursos. Como corolário, o sujeito que lê é (re)fundado no cerne de práticas, as quais são responsáveis por delimitar aquilo que é dado a ler, num dado momento histórico.

O autor em foco vai entender a leitura não somente como uma prática abstrata de inteligência, mas como um engajamento do corpo, inscrição do espaço, relação consigo e com os outros (CHARTIER, 1998a). Dessa maneira, Chartier (1998a) aponta para a premência de se investigar as diferentes formas de ler, crispadas ao longo do tempo e o modo através do qual essas formas constroem os sujeitos leitores. O autor alude, por exemplo, ao progressivo desaparecimento da leitura em voz alta, cuja função, além de comunicar o texto para quem não sabia decifrá-lo, exercia um importante papel na sociabilidade dos leitores, pautada nos encontros públicos de leitura. Assim, Chartier (1998a) aventa para a possibilidade de se propor uma história da leitura, tomando como base não somente a propalada leitura silenciosa, mas, principalmente, lançando um olhar retroativo sobre gestos esquecidos e os hábitos desaparecidos.

Além dessas práticas de leitura, hoje em desuso, Chartier (1998a) sublinha as modificações da leitura advindas de transformações sofridas pelos processos de produção e circulação do escrito no cerne das atuais tecnologias digitais. Esse teórico assinala que o universo dos textos eletrônicos significará, necessariamente, um distanciamento no tocante às representações mentais e às operações intelectuais especificamente relacionadas às formas que teve o livro no Ocidente há dezessete ou dezoito séculos. Dentre essas modificações, Chartier (1998a) destaca a mobilidade do leitor no texto eletrônico, a leitura fragmentada e cambiante emergente nesse novo suporte, bem como a participação mais ativa do leitor na produção e circulação desses textos. Se o impresso impõe sua forma, sua estrutura e suas disposições, não pressupondo nenhuma participação nele, exceto de modo sub-reptício (através de anotações nos espaços em branco, por exemplo, cf. CHARTIER, 1998b), na textualidade eletrônica, o leitor

pode submeter o texto a múltiplas operações, de modo a esgarçar as fronteiras que separam a figura do autor da figura do leitor.

Ainda a respeito dessa questão, convém mencionar as análises de Curcino (2014) acerca de algumas implicações oriundas da transposição de alguns textos da cultura impressa para o universo virtual. Em síntese, trata-se de uma miríade de variações nos modos de apropriação dos textos. A autora cita o exemplo das *mensagens em powerpoint* que circulam na rede digital, as quais se apropriam de textos de origem literária e canônicos e engendram formas de recepção que dessacralizam esses textos, enxertando-os no âmbito do que comumente se denomina de *autoajuda*. Nas palavras de Curcino (2014), trata-se de um repertório cultural de “[...] textos moralizantes com finalidades pragmáticas, quiçá terapêuticas, que, por meio da exploração multimodal e sinestésica do verbo, da imagem, torna tangível o que o texto diz” (p.92).

Todas essas questões anteriormente expressas só são possíveis de serem problematizadas quando as inserimos no interior da História Cultural, na medida em que esta se preocupa em radiografar as múltiplas representações e discursos em torno de práticas como a leitura, sob a perspectiva de diferentes agentes: o sujeito leitor, a figura do autor, as tecnologias do escrito, as multiplicidades de usos dos livros e das bibliotecas (CHARTIER, 2003), dentre outros. A conjunção desses fatores torna apreensível o funcionamento de determinados discursos sobre a leitura e sobre o sujeito leitor.

No caso do objeto de análise deste artigo, convém particularizar a discussão, com vistas a discutir a repetibilidade histórica de alguns discursos sobre a leitura no cenário brasileiro, uma vez que as análises de Chartier, a despeito de serem fundamentais para a compreensão da leitura como uma prática cultural, estão alinhadas ao contexto histórico francês/europeu, o que difere, portanto, da forma como se enxerga a leitura e o leitor na constituição da história brasileira. Conforme sintetiza Abreu (2001b), percorrer a história da leitura no Brasil é percorrer a história de um lamento. A autora chega a essa constatação, após o minucioso exame de textos escritos por viajantes europeus, no intuito de apontar discursos sobre a leitura no período anterior à Independência, os quais, ainda perduram até os dias de hoje. A autora analisa, além dos textos, constituídos por meio de um olhar estrangeiro sobre o país, imagens da pintura oitocentista, de modo a constatar a existência de “[...] imagens de erudição e estabilidade a partir da acumulação de símbolos de sucesso intelectual: uma biblioteca particular, livros abertos e espalhados” (ABREU, 2001b, p. 148). Assim, a autora

estabelece uma relação entre a carência de livros e de práticas efetivas de leitura no período anterior à Independência, em comparação com o cenário europeu, conforme descritas pelos textos dos viajantes europeus, e a ostentação de livros pela pintura que retratava a classe burguesa e os nobres. Essa representação pictórica parece compensar essa imagem inculta do país, disseminada pelo olhar do outro.

Nesse sentido, num país em que se sedimentou um discurso segundo o qual pouco se lê, o livro adquire um valor quase totêmico, indicador de *status* e de erudição, inerente à imagem que as classes de alto poder econômico queriam construir para si, a partir da inspiração europeia. Isso redundou na construção de todo um imaginário que persiste até a atualidade, por meio de uma positividade (FOUCAULT, 2010), em práticas e discursos sobre a leitura na sociedade, em campanhas de incentivo à leitura (VARELLA; CURCINO, 2014; SALGADO, 2011), em discursos sobre o ensino de leitura (SOUSA, 2014), nos quais o ato de ler é concebido como um bem, um direito a ser resguardado para todos, especialmente para aqueles que são considerados desprovidos de um certo capital cultural e econômico. Além disso, práticas mais corriqueiras, como exibir fotografias pessoais próximas a livros, em poses que denotam concentração e calma, emolduram discursos sobre leituras autorizadas e reconhecidas. Essa uniformização nos modos de representação dos leitores (ABREU, 2001a) ressignifica toda uma memória imagética da leitura, consolidada, principalmente, na cultura oitocentista.

Somos o que lemos, lembra-nos Curcino (2013). Isso significa dizer que constituímos-nos a partir do modo como lemos e do modo como nos manifestamos acerca do que lemos. A construção de imagens do leitor provém dessa relação que se estabelece com os saberes que legitimam as leituras esperadas e visam descaracterizar os subterfúgios dos não-leitores (cf. BAYARD, 2007). Conforme Curcino (2013), perguntas como *qual livro você está lendo?* e correlatas fazem funcionar certos discursos sobre a leitura, os quais ajudam a validar a imagem que fazemos daqueles a quem dirigimos essa pergunta, feita por motivos muito distintos a políticos, a modelos, a atrizes, a esportistas, ao público em geral. A resposta a essas indagações, por seu turno, será favorável ou não para a imagem do sujeito que precisa ser mantida e/ou resguardada. Noutros termos, falar que não está lendo nada, daquilo que se considerada como uma leitura enobrecedora, ou esquecer o nome do autor do livro, por exemplo, acabam por gerar críticas e situações constrangedoras (cf. CURCINO, 2013), quando se pensa nesse caráter obrigatório da leitura, fazendo desta um dever (BARTHES, 1987).

Enlaçando essa teia discursiva, convém levarmos em consideração todo uma rede de memória a respeito de discursos sobre a escolaridade, sobre a (a falta de) leitura de jogadores de futebol – foco de análise deste trabalho. Comumente se dissemina a ideia segundo a qual os jogadores de futebol possuem uma baixa escolaridade, os quais, em sua grande maioria, abandonam os bancos escolares, para se dedicarem exclusivamente aos treinos. A preparação para os jogos e as viagens constantes acabam por dificultar a permanência de tais atletas, os quais, em idade escolar, devem profissionalizar-se no âmbito do esporte¹. Some-se a isso o fato de a grande parte desses jogadores serem oriundos de estratos sociais economicamente desfavorecidos, em que os pais e demais familiares possuem um escasso nível de escolaridade, o que dificulta sobremaneira o acesso a uma cultura letrada e à consecução sistemática de práticas de leitura. Esse fato ancora a cristalização de determinadas representações a respeito do jogador de futebol no tocante à leitura: tais atletas leem pouco, sendo, numa instância, taxados como incultos e “burros”, vide a pergunta expressa na primeira epígrafe deste texto.

A irrupção da notícia acerca do *blog* de leitura do jogador Wallace faz ranger essas representações, na medida em que as relativiza, pondo em suspenso o *status* de veracidade que as credibiliza. No caso do cenário futebolístico brasileiro, a figura do jogador Sócrates (1954-2011) constitui uma exceção a essa generalização. O jogador em questão possuía um curso superior de altíssimo prestígio social e, de acordo com o jornalista Juca Kfourri (2012), era “um devorador de livros”, aventurando-se, inclusive, na seara da escrita — o jogador escreveu uma série de crônicas, no decorrer da Copa do Mundo, de 1982, publicadas posteriormente num livro, sob a organização de Kfourri (2012). Ainda de acordo com o jornalista, Sócrates pensava o futebol com a cabeça antes dos pés. O jornalista, ao aludir metonimicamente à cabeça (o cérebro, à mente) como um símbolo que o distinguia dos demais, atribuiu à intelectualidade do jogador o sucesso dentro e fora das quadras. Essa aparente incompatibilidade entre ser leitor e ser jogador constitui o elemento primordial na construção das imagens do que chamaríamos de um jogador-leitor, erigido na contramão de certas práticas e dissensões. As análises a seguir esboçadas corroboram nossas afirmações.

¹ Informações obtidas em: <http://noticias.universia.com.br/tempo-livre/noticia/2003/02/27/534147/jogadores-futebol-tm-baixo-nivel-escolaridade.html>. Acesso em: 02. jan. 2016.

4. Discursos sobre um jogador-leitor

Antes de começarmos a análise propriamente dita, é preciso mencionar alguns aspectos de cunho metodológico, principalmente no que se refere ao processo de escolha e organização do *corpus* deste artigo. Conforme afirmamos brevemente na introdução, o *corpus* é composto por notícias e seus respectivos comentários, os quais foram coletados em *sites e blogs* brasileiros. Em função da quantidade exponencial de notícias que circulam na *web* a respeito do esporte, selecionamos duas notícias, veiculadas em dois *sites* que aparecem nas primeiras posições do mecanismo de busca utilizado: o Google.

A análise está dividida em dois momentos: num primeiro, o olhar investigativo centra-se sobre as notícias coletadas e, num segundo, a análise recobrirá os comentários dos leitores das notícias. Essa divisão justifica-se em virtude da necessidade de averiguarmos as diferentes vozes que tecem dizeres sobre o jogador Wallace. De uma voz de cunho mais oficial — a voz do sujeito enunciador que redige as notícias — a uma voz de natureza mais opinativa, oriunda dos leitores, visamos analisar o exercício de uma função enunciativa (FOUCAULT, 2010) na constituição de discursos sobre o jogador-leitor em foco.

Para tanto, os excertos das notícias coletadas foram os seguintes:

(1)

“Wallace leu”: zagueiro do Flamengo terá blog com resenhas de mais de 100 livros

Wallace, do Flamengo, está prestes a lançar um blog. Apaixonado por literatura, ele irá comentar e avaliar os livros que já leu. A primeira etapa irá ao ar com exemplares de Phil Jackson, técnico supercampeão da NBA, a Caco Barcellos e Jô Soares. O internauta poderá ler e ouvir comentário do zagueiro, em texto e áudio, além de avaliações.

O projeto “Wallace leu” foi idealizado por Guilherme Prado, que o conheceu quando comandava o departamento de comunicação do Corinthians e, agora, é gestor de imagem esportiva. A dupla negocia para que, num futuro próximo, o blog possa oferecer ao leitor a opção de compra dos livros comentados, ou pelo menos da pesquisa de preços.

[...] Além de literatura, vale lembrar que Wallace também é um excelente jogador de xadrez (BASTIDORES F.C., 17/03/2015).

(2)

5 livros que o jogador Wallace leu e você nunca ia imaginar

A inteligência no futebol é algo a se admirar. Quando o jogador consegue, como diria Chico Buarque, na canção O Futebol, “avançar na vaga geometria” e traçar “paralelas do impossível” que desafiam a física e costuram linhas pelo campo,

vemos que estamos diante de algo diferente do normal. Wallace, zagueiro do time do Flamengo, é um jogador notadamente de grande capacidade de articulação: sua leitura de jogo, sua capacidade de verbalizar o que se viu em campo, suas entrevistas e posições em relação ao clube e às políticas, tudo é bastante marcante no jogador. Não foi com surpresa que Wallace revelou de onde vem essa inteligência: trata-se de um aficionado por livros. Tanto que lançou um blog – Wallace Leu – onde publica suas resenhas e resumos das obras lidas. No blog também é possível ouvir as resenhas em áudio, iniciativa excelente e acertada, pois permite que portadores de necessidades especiais também possam acompanhar as leituras do jogador.

O NotaTerapia ficou tão fascinado pelas obras lidas pelo jogador que selecionou 5 resenhas inusitadas de livros feitas por Wallace. Para quem quiser ler o blog do jogador, basta acessar o link: <http://wallaceleu.com.br/> (NOTATERAPIA, 16/11/2015).

O caráter insólito proveniente do fato de o zagueiro Wallace ser um leitor é realçado nas duas notícias. Se na primeira, esse realce se efetiva de um modo mais tímido, emoldurado numa dada objetividade do sujeito enunciador na contação do fato, o lançamento do *blog*; na segunda, tal realce mostra-se mais evidente, reiterado pelo efeito sensacional do título (“você nunca ia imaginar”) e pelo próprio espanto da voz que enuncia, em nome do blog, de modo a enumerar cinco obras (literárias!) lidas pelo jogador, as quais incluem *A Metamorfose*, de Kafka, *Mulheres*, de Bukowski, 1984, de Orwell, dentre outras. A superfície de emergência que faz surgir a leitura de Wallace como um objeto de discurso reside na rede enunciativa que atrela a leitura como *status* ao texto literário. Disso resulta o caráter improvável da existência de um jogador que lê justamente estes livros, canonizados no interior de um regime de produção de discursos. Nessa perspectiva, o uso do advérbio “nunca” no título da segunda notícia reitera essa improbabilidade.

Ao asseverar que “inteligência no futebol é algo a se admirar” e “estamos diante de algo diferente do normal”, a posição sujeito que enuncia na segunda notícia compactua com determinados posicionamentos sociais segundo os quais os jogadores de futebol são estereotipados como desprovidos de um certo capital cultural, além de apresentar, por exemplo, dificuldades de retórica, de uma dada formalidade na modalidade oral da língua, evidenciada nas entrevistas a que tais atletas estão submetidos cotidianamente. Tais carências, de acordo com esse posicionamento, são justificadas em função da falta de leitura.

Nesse sentido, a segunda notícia vai estabelecer uma relação entre a performance de Wallace, mais especialmente a sua articulação no tocante aos modos de enunciar as especificidades das partidas, com a prática frequente de leitura empreendida pelo zagueiro. Os usos da leitura (CHARTIER, 2003) parecem produzir reflexos inalienáveis sobre a imagem

positiva do jogador, concebida com júbilo pelo sujeito enunciador (“aficionado por livros”, “apaixonado por literatura”). A leitura, nesse caso, potencializa uma transformação social (CURCINO, 2013), na medida em que confere ao jogador habilidades inexistentes nos demais, na coletividade que o circunda. Na primeira notícia, a informação complementar de que Wallace é um excelente jogador de xadrez colabora para a constituição identitária do jogador como uma rara exceção no universo do esporte.

A ênfase na quantidade de resenhas a serem disponibilizadas por Wallace denota a materialidade repetível do enunciado que aparece no título da primeira notícia. Com efeito, a quantidade de livros (“mais de 100”), a partir dos quais as resenhas deverão surgir, encontra eco noutros enunciados, mormente inscritos em títulos de livro de um segmento específico, que sinalizam para o número de livros que precisamos ler num dado período, como, por exemplo, “100 livros que devemos ler antes de morrer” e correlatos, que, ao confirmarem a relação entre os enunciados, num campo associado (FOUCAULT, 2010), permitem a emergência de determinadas representações acerca do sujeito que lê esse número exponencial de livros, especialmente quando se alardeia que o brasileiro lê pouco, ao se comparar com outros países, numa série de discursos acerca dessa questão. Trata-se, portanto, da constituição de um leitor voraz, e, por isso, atípico no meio em que Wallace se encontra, conforme deflagra a posição sujeito nas notícias.

Os discursos sobre Wallace no âmbito das notícias anteriormente expressas coadunam com uma certa exaltação à postura acertada do jogador de criar um *blog* e de disponibilizar as resenhas, função social louvada, principalmente, na segunda notícia. O fato de o *blog* ter sido idealizado por um gestor de imagem pública, de maneira a delatar o poder de afetação (SIMÕES, 2014) de determinadas figuras públicas parece-nos bastante sintomático. Não é arriscado preconizar que a leitura está a serviço de estratégias de *marketing* que fabricam personas midiáticas, o que ratifica a leitura como uma prática inscrita num contexto histórico específico, relacionando-se de forma íntima com esse contexto.

Na segunda parte da análise, direcionamos o foco sobre os comentários dos leitores das notícias estudadas. Vejamos alguns desses comentários².

1. Não acho o Wallace seja tecnicamente lá essas coisas, mas também não é o horróroso! E é muito legal ver o “boleiro” como ele, diferenciado

² Mantivemos a escrita dos comentários tal como aparece no *site*.

intelectualmente, que procura ser um cara culto e informado. Tem espírito de liderança e pode vir a ser um grande dirigente ou treinador no futuro (Guilherme Almeida).

2. Muita intelectualidade e pouco futebol. É triste ver tanta incompetência. Principalmente para o torcedor que se acostumou com zagueiros de verdade como Gamarra, Mozer Aldair, Rondinelli... (Sebastião Vieira)
3. Só falta jogar bola (Thiago Melo).
4. Parabéns ao nosso zagueiro, um exemplo a ser seguido no esporte. Gostaria muito de ver mais notícias desse tipo, precisamos de exemplos assim, e não o que passam de jogadores baladeiros, afinal de contas eles são exemplos para as crianças (Raony Reis).

As vozes dos leitores das notícias bifurcam-se em parabenizar a postura de Wallace (“um exemplo a ser seguido”, “diferenciado intelectualmente”, “cara culto e informado”) e em questionar suas habilidades como jogador (“pouco futebol”, “só falta jogar bola”, “é triste ver tanta incompetência”). A propalada intelectualidade do zagueiro, resultante da leitura frequente por ele empreendida, constitui o elemento deflagrador dessa variação de posicionamentos discursivos. Se por um lado, a intelectualidade constitui um exemplo a ser seguido, conforme se expressa no último comentário, ou se capacita o zagueiro a exercer outros cargos no universo esportivo, de acordo com a posição do primeiro comentário; no segundo e terceiro, tal intelectualidade é relativizada, em função da análise, cujos sentidos derivam para um discurso técnico, segundo a qual o jogador não apresenta qualidades técnicas prodigiosas, a ponto de se destacar no time. Noutros termos, segundo essa posição, a suposta intelectualidade do jogador não compensa a ineficácia dele dentro de campo. A posição sujeito que enuncia no segundo comentário relembra, num tom saudosista, outros zagueiros do time de Wallace, os quais, de acordo com tal posição, seriam “zagueiros de verdade”. Essa assertiva supõe que estes não estariam preocupados em construir uma imagem de intelectual, resignando-se a serem competentes apenas dentro de campo.

A positividade enunciativa do discurso da leitura como enobrecimento, conforme destaca Abreu (2001a), é bastante evidente no último comentário, uma vez que a posição do sujeito enunciador exalta a postura correta de Wallace, na comparação com outros jogadores de futebol, denominados de “baladeiros”. Os constantes discursos que cotidianamente circulam na mídia a respeito da vida privada desses atletas acabam por forjar essas representações para tais

jogadores, muitos dos quais ostentam a aquisição de bens e a presença marcante em noitadas. Desse modo, a partir da posição do sujeito leitor, Wallace distancia-se completamente de tais estereótipos, ao adotar uma postura comedida e séria, com base no enobrecimento que a leitura provoca, servindo, portanto, como um bom exemplo para as crianças.

Nessa lógica, compreendemos que a emergência da identidade do jogador-leitor efetua-se nesse duelo de vozes e de variações daquilo que Foucault (2010) denomina de plano de fala. Tanto no discurso da posição que enuncia nas notícias, quanto nos comentários, a construção de dizeres a respeito de Wallace está em confluência com já-ditos, de certa forma, “consensuais” acerca de dois universos incompatíveis: o futebol e uma certa percepção acerca da leitura. O primeiro, tributário da falta de intelectualidade, encontra-se alheio um imaginário a respeito de uma cultura letrada, a qual é característica intrínseca do segundo. O exemplo de Wallace e a publicização em torno de suas revelações enquanto leitor embaralham tais fronteiras e espalham o dissenso e a contradição.

No processo de descrição/interpretação dos discursos sobre o jogador Wallace, foi possível flagrar representações acerca de um jogador que lê, fato que, considerando a singularidade do enunciado, é considerado propício para a circulação na mídia. A raridade desse fato é diretamente proporcional ao efeito sensacional com que as notícias o tratam. Ao enunciar algo como “você nunca ia imaginar” acerca das leituras do zagueiro, o sujeito que fala depara-se com a infinidade de atos singulares que a leitura comporta (CHARTIER, 1998a). Se a leitura de obras literárias parece ser inerente a um público elitizado, eis o efeito de surpresa indisfarçável do sujeito, ao defrontar-se com um jogador que ousa adentrar os domínios pouco explorados pelos que estão nesse lugar por ele ocupado. Leituras comuns, de que fala Abreu (2001a), as quais desafiam o imaginário historicamente embalado sobre o ato de ler, os enunciados acerca da leitura que se conservam no decorrer do tempo.

Ademais, convém atentar para as idiossincrasias das maneiras de ler dos tempos atuais, pensando a partir de Chartier (1991), a respeito das disposições específicas que engendram as comunidades de leitores. Quando Wallace explicita suas leituras na *web*, de modo a disponibilizar as suas impressões sobre os livros, fica patente o funcionamento de determinadas práticas de leitura inscritas no cerne das tecnologias digitais, mais especialmente a partir das comunidades de compartilhamento de arquivos e de sugestões de leitura, de modo a compor redes sociais de leitura (cf. OLIVEIRA, 2015). Trata-se de grades de especificação por meio das quais podemos correlacionar a leitura com outros objetos de discurso que também se

referem a essa prática (a leitura na *web*, a discussão acerca da leitura nesse espaço, o “novo leitor” daí emergente, dentre outros). Embora o foco deste texto não se volte de modo mais profundo para essa discussão, vale salientar a inserção do *blog* de Wallace, bem como os discursos que dele falam, no circuito das leituras (re)discutidas no ciberespaço, até porque a construção da imagem pública do jogador como um leitor passa por essa questão, conforme explicitamos anteriormente.

5. Considerações Finais

O escritor mineiro André Rubião inicia um conto, intitulado de *Um elefante na sala de estar*, com os seguintes dizeres: “Quando leu Rimbaud pela primeira vez, o jovem Kalipse não entendeu nada: acostumado com um mundo de sons, imagens e pessoas, ele parecia não se identificar com a monotonia das palavras” (RUBIÃO, 2011, p.19). O espanto do personagem ante as especificidades da leitura até então inexistente serve para ilustrar discursos em torno da relação do sujeito leitor com a leitura, especialmente a literária. A instauração de alguns consensos acerca da leitura, conforme problematizamos no decorrer deste texto, alicerça-se na percepção segundo a qual a leitura atrela-se a um enobrecimento do sujeito que lê, cabendo a este adequar-se às regulações impingidas sobre o hábito de ler. No entanto, a prática de leitura, para Chartier (1998a), apresenta contrastes entre as normas e instrumentos que definem os modos de ler e o uso efetivo e autêntico da leitura, realizado por uma variedade de sujeitos e grupos de leitores. Gostaríamos de reiterar, a partir dessa discussão, que a aparição de um jogador-leitor insere-se no esteio dessas normas que são burladas por sujeitos que, histórica e culturalmente, não fazem parte de um público especializado sobre o qual determinados tipos de leitura são endereçados.

Assim, nos limites deste artigo, analisamos algumas materialidades advindas da *web*, as quais discursivizam o fato de o zagueiro do Flamengo ter criado um *blog* sobre leitura. Ao escolhermos essas notícias, e não outras em seu lugar, conforme proporia Foucault (2010), visávamos investigar determinadas representações acerca da leitura e do sujeito leitor, vindas à baila através da notícia em foco. Nesse ínterim, a análise das notícias e dos comentários que as acompanhavam demonstrou que a construção de discursos sobre o jogador-leitor articula-se aos efeitos provenientes de uma relação aparentemente inviável, de tal modo que ora o sujeito Wallace é discursivizado como um exemplo a ser seguido no âmbito do esporte, haja vista que sua intelectualidade o distingue dos demais jogadores, ora questionado acerca de seu

desempenho em campo e a alusão à leitura serviria para encobrir a falta de eficiência técnica do jogador.

Entendemos que essa variação nos modos de enunciar acerca de Wallace está articulada aos reflexos que a existência de um jogador-leitor incide na produção de discursos naturalizados sobre a leitura, na exterioridade dos enunciados acerca dessa prática. O sujeito leitor rompe, portanto, com os protocolos e com os discursos normativos que procuram determinar o que dever ser lido. Nesse sentido, conforme nos lembra Certeau (1998, p. 267-268): “[...] os leitores são viajantes; circulam em terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los”.

Referências bibliográficas

ABREU, M. Diferentes maneiras de ler, **Memória**, Campinas, 2001a. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>. Acesso em: 30. dez. 2015.

_____. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, M. (Org.). **Ler e navegar: percursos de leitura**. Campinas: Mercado das Letras, ALB, 2001b. p. 139-157.

BAYARD, P. **Como falar dos livros que não lemos?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. Trad. António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987.

BURKE, P. **A Escola de Annales (1929-1989): a revolução da historiografia francesa**. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer**. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manoela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. O mundo como representação, **Estudos Avançados**, São Paulo, 11(5), p. 173-191, 1991. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998a.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII**. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998b.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUSCar, 2009.

CURCINO, L. Discursos sobre a leitura: uma análise da emergência e remanência de certas representações do leitor na atualidade. In: ENCONTRO EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4, 2013, Araraquara. **Anais...** Araraquara: FCL/UNESP, 2013, p.139-148. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/Home/PosGraduacao/StrictoSensu/LinguisticaeLinguaPortuguesa/anais-iv-ead.pdf>. Acesso em: 12. jul. 2014.

_____. Metamorfoses da autoria na contemporaneidade: a *função autor* em tempos de circulação virtual de textos. In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. **Presenças de Foucault na Análise do Discurso**. São Carlos: EdUFSCAR, 2014, p. 81-94.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 19. ed. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FISCHER, R. M. B. Foucault. In: OLIVEIRA, L. A. **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p.123-151.

KFOURI, J. Prefácio. In: **Sócrates, o brasileiro**: as crônicas do doutor em Carta Capital. São Paulo: Confiança, 2012, p.12-13.

OLIVEIRA, R. P. Favoritos do público: uma análise das práticas de leitura da comunidade virtual Skoob, **Desenredo**, Passo Fundo, v.11, n.1, p. 70-91, jan./jun. 2015. **crossref** <http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v11i1.4968>

RUBIÃO, A. Um elefante na sala de estar. In: MACEDO, A. (Org.). **Coletivo 21**: antologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p.19-24.

SALGADO, L. A leitura como um bem: *slogan* e consenso. In: _____.; MOTTA, A. R. (Orgs.). **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 151-162.

SIMÕES. O poder de afetação das celebridades. In: FRANÇA, V. *et al.* **Celebridades no século XXI**: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 209-225.

SOUSA, M. E. V. Histórias e possibilidades de pesquisa em leitura. In: SOUSA, M. E. V.; ASSIS, C. (Org.). **Pesquisa em língua portuguesa**: da construção do objeto à perspectiva analítica. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. (Coleção Todas as Letras, 13), p.137-168.

VARELLA, S. G.; CURCINO, L. Discursos sobre a leitura: uma análise de vídeo-campanhas em prol dessa prática, **Desenredo**, Passo Fundo, v.10, n.2, p.337-354, jul./dez. 2014. **crossref** <http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v10i2.4157>

Artigo recebido em: 14.01.2016

Artigo aprovado em: 12.06.2016